

XXX ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS

24 A 28 DE OUTUBRO DE 2006

GT09 - GÊNERO NA CONTEMPORANEIDADE

COORDENADOR(ES):

**Lucila Scavone (UNESP)
Maria Lygia Quartim De Moraes (UNICAMP)
Luzinete Simões Minella (UFSC)**

“Nós do gênero: presença e participação evangélica no mundo da política.”

***Caetana Maria Damasceno (Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro) &
Tatiane dos Santos Duarte (Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro)***

INTRODUÇÃO

Acompanhamos as eleições municipais de 2004 e o período de re-estruturação do poder local, durante o ano de 2005, em um município da Baixada Fluminense/RJ, com o olhar voltado para a participação de candidatos evangélicos à vereança e à prefeitura. Durante a campanha eleitoral, a maioria deles se apresentaram aos eleitores comunicando diretamente sua identidade religiosa como “pastores” ou simplesmente como “irmãos”. Dos rituais desse “tempo da política”², identificamos cinco candidatas evangélicas, cujas atuações nas convenções e na campanha de rua tiveram características peculiares: duas delas identificaram sua filiação ou sua posição na hierarquia religiosa como meio do “re-conhecimento” (SCOTTO, 1996) pessoal junto ao eleitorado, porém, nenhuma destas fez uso do “renome” (CORRÊA, 2003), ou seja, o sobrenome do marido não foi acionado como um artifício capaz de situá-las socialmente, visando a construção ou o “re-conhecimento” de suas biografias. As demais candidatas não identificaram a sua filiação religiosa, mas fizeram uso do “renome”. Uma delas – Mara Barbosa – chegou mesmo a candidatar-se à vereança, como membro de uma denominação evangélica hierarquizada e androcêntrica como a Assembléia de Deus (FRESTON, 1994), enquanto seu marido, da mesma congregação, concorria à prefeitura.³ A sua auto-identificação, ou, nas

¹ Este *paper* é um resultado preliminar do projeto de pesquisa etnográfica, intitulado “*Do Dom ao Voto: Ethos Religioso e Representação Política em um município da Baixada Fluminense/RJ*”. **Tatiane dos Santos Duarte** participa do projeto como bolsista de Iniciação Científica da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro/FAPERJ.

² Moacyr Palmeira e Beatriz Heredia qualificam o “tempo da política” de tal maneira que nos permite empregar esta expressão em contextos etnográficos diferenciados. Segundo estes autores,

“Mais do que a suspensão do cotidiano, o que temos durante o ‘tempo da política’ é a criação de um outro ‘cotidiano’ dentro do cotidiano, que não o elimina, mas interfere profundamente na sua maneira de operar. Durante esse período, as pessoas continuam a levar sua vida familiar, a trabalhar, a freqüentar cultos religiosos etc. Mas, a partir do momento em que a linguagem política (linguagem da divisão) torna-se a linguagem autorizada, a política tende a invadir todos os domínios (mais uns que outros, pois, como lembra Victor Turner, há domínios mais liminares- diríamos ‘liminizaráveis’, do que outros), obrigando-os a se redefinirem, de modo que não haja conflitos de regras.” (PALMEIRA & HEREDIA, 1997:170).

³ Candidataram-se à vereança 196 pessoas, das quais pelo menos vinte e uma eram militantes evangélicos, dentre os quais apenas cinco eram mulheres: Mara Barbosa – PSL; Diva Neves – PSC; Pastora Vera – PL; Missionária Vilma – PCdo B; Scheila do Albertino (Scheila Pereira da Silva) – PP. Os demais dezessete candidatos eram: Ademar José da Silva – PP; Felinho (Felix Alves de Oliveira) – PL; Manoel Machado – PSDC; Anderson Miranda – PL; Alair Freitas Stefaneli – PRP; Vanico (Demerval Augusto Santos da Costa) – PHS; Irmão Carlos José – PSC; Francisco de Roma Andrade – PMDB; Zuza (José Gaudino de Lima) – Pastor Walmer Berriel – PHS; Irmão Elias – PDT; Pastor Luizinho – PHS; Pastor Alair – PSL; Pastor Paulo – PL; João de Deus – PFL; Pastor Nia (Josenias) – PP.

palavras de Pierre Bourdieu, a sua “nominação”⁴ instituiu-se pelo emprego do sobrenome do seu marido.

Por outro lado, vale chamar a atenção para a presença de Vilma Antunes, uma mulher evangélica, esposa do candidato a prefeito (Gedeon Antunes)⁵, a qual, embora não sendo candidata, participou intensamente não apenas durante os rituais do "tempo da política", mas depois dele, desempenhando papéis com características próprias, porém marcantes no espaço público.

Vilma Antunes e Pastora Vera (uma das candidatas à vereança, que se identificou tão somente pelo seu prenome e pelo título de Pastora) participariam de forma mais visível, depois do "tempo da política", já durante o período de re-estruturação do poder local (2005), de um evento organizado por pastores de várias igrejas evangélicas. Esse ritual foi marcante pela natureza de seu objetivo: propiciar uma inserção mais explícita das igrejas pentecostais na vida política da cidade. Neste trabalho, privilegiaremos a atuação destas duas mulheres nos espaços públicos da vida política da cidade, procurando repensar as relações de gênero por meio da discussão de Mariza Corrêa (2003) sobre “natureza imaginária do gênero”, contemplando, por outro lado, a relação entre "pureza e perigo" (DOUGLAS, 1976).

Neste ponto vale à pena retomar os conceitos que nos ajudaram a construir esta etnografia e a refletir sobre a trajetória política de Vilma Antunes e da Pastora Vera.

Mariza Corrêa emprega a categoria “renome”, como uma das possibilidades de classificação social, mas não a única. Para a autora, o “renome” tem “duplo sentido”; tanto de nome famoso, quanto de segundo nome. Uma vez “renomeadas”, as mulheres ficam “subsumidas à condição de esposa” (p.22) e são assim consideradas. Ainda no plano político há uma outra possibilidade: a do “(re)conhecimento” (SCOTTO, 1996), ou seja, a “identificação concreta de uma pessoa conhecida”, pelo eleitorado. (p. 166). O “renome” e o “(re)conhecimento” podem ou não se combinar nos eventos de campanha eleitoral. Nas

⁴ “*Através desse modo singular de nominação, que se constitui no nome próprio, institui-se uma identidade social constante e duradoura que garante a identidade do indivíduo biológico em todos os campos possíveis nos quais ele intervém como agente, isto é, em todas as suas histórias de vida possíveis*”.(BOURDIEU Apud CORRÊA, 2003:19).

⁵ Dentre os cinco candidatos à prefeitura, o único pentecostal, pertencente a Assembléia de Deus (do km 50) foi Humberto Barbosa (da “Aliança Social” composta pelo PSL -Partido Social Liberal, PL -Partido Liberal e PRP -Partido Republicano Progressista.). Gedeon Antunes, filiado ao PSC (Partido Social Cristão), embora não se declarando evangélico, foi candidato a prefeito eleito pela coligação “Movimento Liberta esta Cidade”. Finalmente vale ressaltar que, o Pastor Nia (da igreja Assembléia de Deus, do km 40) foi o único candidato pentecostal entre os dez vereadores eleitos.

situações de que participamos, foram justamente, estas mulheres que converteram o “renome” e o “(re)conhecimento” em “capital político” (BOURDIEU Apud SCOTTO, 1996).

Como veremos mais adiante, através da etnografia de algumas situações sociais⁶, esta atuação nos permitirá repensar as agências femininas que colocam em conexão a política local e a religião pentecostal, apontando para o aprendizado de certas “habilidades” exigidas para ocupar um lugar no mundo da política (BOURDIEU 1989). Tais habilidades nos parece terem sido adquiridas a partir de um *ethos* religioso, o qual introduz certos elementos na dinâmica das adesões, das disputas por prestígio, das “tomadas de partido”, gerenciadas por “mediadores” (PALMEIRA & HEREDIA, 1997) treinados, por sua vez, no campo da própria disputa religiosa. Nesta etnografia, essas “habilidades” serão examinadas, considerando, por um lado, uma literatura antropológica sobre os significados de processos eleitorais e do “tempo da política” (PALMEIRA & HEREDIA, 1997, HEREDIA, 1996, PALMEIRA, 1996, SCOTTO, 1996, CHAVES, 1996, BARREIRA, 1998a, BEZERRA, 1999, MIRANDA, 1999) e por outro, alguns estudos etnográficos sobre certos aspectos do imaginário das chamadas relações de gênero (CORRÊA, 2003).

A descrição *contextualizada* de rituais situados, por assim dizer, nas fronteiras movediças entre o domínio da política e o da religião – , impregnados que estão pelas noções de pureza e de perigo (DOUGLAS, 1976) – serão tomados como *démarche* etnográfica e recurso analítico a um só tempo (PEIRANO, 2001 e 2003)⁷. Finalmente, vale lembrar que o debate sobre as agências femininas nos rituais de “politização pentecostal” – expressão que tomamos por empréstimo de Paul Freston, (1993) –, supõe, a nosso ver, um diálogo entre a Antropologia e a História nos moldes propostos por Edward P. Thompson (1972). Afinal, o exercício da antropologia se constrói por meio da reconstituição da arquitetura nativa do contexto tal como, num outro

⁶ Segundo Max Gluckman (1968), “a descrição de situações sociais e sua inserção numa rede de ações sociais, políticas e culturais em espaços de relações multidimensionais revelam tanto formas transparentes e estereotipadas, quanto aquelas em transformação, que são, portanto, mais ambíguas, contraditórias e, por isso mesmo não inteiramente evidentes no processo da ‘mudança social’ em curso, em especial, para os próprios agentes da mudança.” (Damasceno, 1990:21)

⁷ Segundo Mariza Peirano (2003),

“A eficácia da ação ritual reside no fato de acionar crenças culturais essenciais – crenças que constituem uma cosmologia – mas, ao mesmo tempo, questionar determinadas estruturas sociais. Neste sentido, os rituais podem concorrer para a construção de novas legitimidades, permitindo desvendar mecanismos, de diferenciação social e realizar a passagem das ideologias para os sistemas de ação (e vice-versa)”. (p.47).

É nesse sentido que empregaremos o termo ritual.

registro, “a disciplina da história é, sobretudo, a disciplina do contexto”, onde “cada fato só ganha sentido dentro de um conjunto de outros sentidos” (THOMPSON, 1972:45).⁸

Entre o mundo urbano e rural: um cenário

A pesquisa se desenvolve na “Baixada Fluminense”⁹, numa região próxima da Zona Oeste do município do Rio de Janeiro. Nesta localidade, freqüentemente vista como uma “região de fronteira” entre o universo urbano e rural, operam diversas e numerosas instituições religiosas¹⁰, espalhando-se tanto pelo “centro” comercial e político-administrativo, como pelas ruas que brotam a partir deste eixo e pelas estradas vicinais, que, no passado, aproximavam as fazendas da região. De fato, os templos se expandem ao longo da antiga estrada Rio-São Paulo: uma estrada federal bem movimentada (BR-465), também conhecida como Antiga Estrada Rio-São Paulo, inaugurada em 1928.

Do "tempo da política" às relações de gênero

A partir do diálogo com a literatura pertinente (FERNANDES, 1977, 1998; FRESTON, 1992, 1993, 1994; IRELAND, 1993; BIRMAN, 1996, 2001; CARNEIRO, 1998; MONTEIRO, 1999; MIRANDA, 1999; CONRADO, 2000, MACHADO, 2002, 2003), e de conversas exploratórias com alguns militantes pentecostais, ficou claro que iríamos observar (GEERTZ,

⁸ Em um sentido complementar ao de Thompson, Robert Darnton (2006) trata da “história das mentalidades” como história cultural e arrisca-se mesmo a dizer que isto se deve ao fato de que este gênero de história “*trata da nossa própria civilização da mesma maneira como os antropólogos estudam as culturas exóticas. É História de tendência etnográfica*”. (p.XIII. Grifos nossos).

⁹ Alessandra Siqueira Barreto (2004) ao dedicar-se ao estudo do poder local e seus atores chama a nossa atenção para o fato de que a Baixada Fluminense está muito longe de ter as características freqüentemente vistas como “homogêneas”. Ao dedicar-se à construção de trajetórias de políticos locais a autora nos pergunta se, de fato, “*podemos falar de uma só Baixada*” (p.45)

¹⁰ O mapeamento preliminar de instituições religiosas locais, realizado por nós, entre os anos de 2003-2004, nos permitiu constatar que além de numerosas, as tradições cristãs locais são muito diversificadas (católicos carismáticos; experiências de catolicismo popular convivendo ao lado de comunidades eclesiais de base; igrejas pentecostais e neo-pentecostais erguidas a poucos metros de igrejas protestantes “históricas”). Por seu turno, os “terreiros” afro-brasileiros (de umbanda e candomblé) parecem “ocultar-se” em meio ao emaranhado de templos cristãos, diferenciando-se destes, sobretudo pelo recurso a certos referentes simbólicos, como, por exemplo, bandeiras brancas fincadas bem acima da altura dos telhados das casas ou os alguidares (bacias de barro) dispostos nos muros, por trás dos quais entrelaçam-se vários tipos de vegetação. Já os locais onde se reúnem os espíritas, embora algumas vezes visíveis, são de algum modo mais discretos e, muitas vezes não são facilmente identificáveis. Neste caso, há que se levar em conta que espíritas “kardecistas” não se reúnem necessariamente em templos ou espaços que tenham características singulares, pois, via de regra, suas reuniões são realizadas nas casas dos próprios praticantes. (DAMASCENO, 2004)

1978) o "tempo da política" de 2004 – quando se realizou a terceira eleição do município, que se tornara autônomo em 1996. Os recursos políticos (materiais e simbólicos) que norteiam compromissos (VILLELA & MARQUES, 2002), as características e os sentidos do "tempo da política", estavam sendo redistribuídos por agentes sociais diferenciados, inclusive candidatos pentecostais. Desde as primeiras eleições proporcionais (1996 e 2000), as igrejas evangélicas desempenharam um papel relevante na oferta desses recursos na forma de candidatos, teodicéias, infra-estrutura institucional (rádios, jornais), cabos eleitorais e eleitores.¹¹ Há que repensar a temática do *compromisso* a partir da distribuição desses recursos sob a ótica das interpretações nativas dos evangélicos e, especialmente, o papel de algumas mulheres na construção destes *compromissos*.

Empenhadas na observação dos rituais de campanha (convenções partidárias, comícios, *showmícios*, rituais de comensalidade e outros espetáculos, como os do “Projeto Celebrai”¹²) percebemos que esses *compromissos* se expressaram através da participação intensa de vizinhos, amigos, correligionários, cabos-eleitorais e parentelas de candidatos e candidatas que, de modos diferentes, procuravam reforçar o “re-conhecimento” e as biografias de seus candidatos. As inúmeras redes de relações pessoais, alinhadas em diferentes “facções” com seu caráter periódico e fluido, que na nossa investigação são forjadas tanto no campo político quanto no religioso (descritas mais adiante), logo se tornaram evidentes. De acordo com Palmeira & Heredia (1997) graças à ambigüidade da política – atividade caracterizada como estranha mas

¹¹ A narrativa político-religiosa de um dos moradores do Mutirão Eldorado – um dos assentamentos de Reforma Agrária, situados nesta “região de fronteira” – é particularmente importante como indício das ações políticas possíveis no cenário local. Com efeito, a narrativa desse morador, que é responsável (diácono) por uma pequena igreja da Assembléia de Deus, construída por ele mesmo, em frente ao seu lote, atribui “sentido ao lugar” (ao lote de terra conquistado no assentamento, situado na fronteira de dois municípios), fornecendo meios de identificação ambivalentes (ora com um município, ora com outro). Como a “identificação com o lugar” (o município) é condição *sine qua non* para que a linguagem político-eleitoral seja acionada (CHAVES, 1996:147), há que averiguar a pertinência da combinação entre identidade local e identidade religiosa. Neste sentido, a trajetória deste diácono e de sua esposa chama a atenção para a natureza e importância das relações entre o campo religioso e o campo da política por ter características de uma teodicéia legitimadora da ação política, justificada pela crença na onipotência e suprema bondade de Deus, contra aqueles que, em face das dificuldades causadas pela presença do mal, “duvidam da existência ou perfeição do Deus criador”. Por outro lado, ela aponta para as indefinições identitárias com o “lugar”, fruto da autonomização político-administrativa do primeiro em relação ao segundo. (DAMASCENO, 2004).

¹² O *Projeto Celebrai* patrocinado pela Rede Melodia (de propriedade do ex-deputado, Francisco Silva) promove “shows gratuitos em todo o país”. Em geral, os cantores pertencem à gravadora *Top Gospel*, cujo objetivo é “levar a mensagem de Cristo às massas, [...], promover obras sociais e divulgar o provedor evangélico de Internet.” Como um evento que se quer evangélico, os espetáculos do *Projeto Celebrai* passaram a assumir um papel relevante na construção das bases eleitorais de vários candidatos evangélicos – inclusive do ex-governador Anthony Garotinho e da atual Governadora, Rosinha Matheus. O *Projeto Celebrai* reforça, assim, as redes evangélicas dispersas pelos diferentes espaços político-religiosos (dos municípios, passando pelos estados, até o parlamento e o governo central). (DAMASCENO, 2004)

que é ao mesmo tempo assunto de muitos e responsabilidade de poucos – tem um tempo preciso, o "tempo da política", que é objeto de intensas disputas que expressam:

“[...] conflitos no âmbito da regulação das relações entre unidades políticas ou administrativas, amplas ou restritas, é critério na definição dos ‘pertencimentos’ sociais. Mais do que a escolha de um candidato está em jogo, não só para cada eleitor, mas para o conjunto da população, o alinhamento a uma facção com todas as implicações que decorrem deste fato, ou a redefinição das facções. Nesse período [o “tempo da política”], as migrações entre facções são vistas como legítimas e suas fronteiras se alteram”. (p.161).

Essa ambigüidade se manifestou nas performances ritualísticas ocorridas em vários cenários, nos quais as duas personagens por nós privilegiadas, neste trabalho, utilizaram os seus “dons”: exerceram um papel exemplar, não de representantes legislativas ou executivas, mas como mediadoras entre a política e a religião. Suas performances tornaram mais explícita a atuação a sua atuação na pentecostalização da vida pública, principalmente através da utilização no campo da política, do capital lingüístico adquirido no cotidiano da evangelização pentecostal.

A pentecostalização do “tempo da política”: ambigüidade liminaridade e “renome”

Gedeon Antunes, filiado ao PSC (Partido Social Cristão), foi candidato a prefeito (vitorioso), pela coligação “Movimento Liberta esta Cidade¹³” e possuía fortes vínculos com o mundo evangélico através de seu pai (pastor) e de sua mulher, Vilma Antunes.

O primeiro *showmício* deste candidato foi organizado em um bairro “popular” afastado do centro político-administrativo da cidade. Além de promover candidatos à vereança, pela coligação “Movimento Liberta esta Cidade”, este ritual invadiu o cotidiano do bairro ao mesmo tempo em que deu visibilidade para uma “facção” marcada pela forte presença da militância evangélica.

O evento foi realizado em cima de um “trio elétrico”, ornamentado com várias faixas com a foto de Anthony Garotinho e de Gedeon Antunes, onde se lia: “Garotinho apóia Gedeon para

prefeito”. A Governadora Rosinha Matheus (esposa de Anthony Garotinho) e a candidata a vice-prefeita Lindaura Brás (não evangélica) não tinham suas fotos estampadas nas mesmas faixas. Neste caso, as fotos destas mulheres não funcionaram como “símbolos de reconhecimento” (BARREIRA, 1998:50). A popularidade da biografia de Anthony Garotinho parecia prescindir do “re-conhecimento” da governadora Rosinha Matheus, na medida em que ele era “re-conhecido” como um evangélico ex-Governador do Estado do Rio de Janeiro, além de ser naquele momento, Secretário de Segurança do Estado, nomeado por sua esposa.

Caravanas de candidatos da coligação “Movimento Liberta esta Cidade” logo apareceram. Correligionários e cabos-eleitorais, transportados por caminhões, *vans* e carros, exibiam camisas, faixas e bandeiras. Vários veículos com adesivos contornavam a praça, onde o *showmício* se realizaria, ao som de músicas de campanha, ao mesmo tempo em que cabos eleitorais de outras “facções” circulavam distribuindo “santinhos”¹⁴, numa atitude ostensiva. Este foi o caso do candidato a prefeito Zealdo Amaral, pertencente à coligação “Governo da Emancipação”¹⁵.

O mestre de cerimônias, instalado no palanque de um “carro de som”, com a estrutura de uma “trio elétrico”¹⁶, iniciou o *showmício* convidando o “povo”, a quem chamou de “família Gedeon”, para se aproximar, procurando, assim, reforçar as relações de proximidade pessoal entre eleitores e candidatos (SCOTTO, 1996). Este evento realizado num domingo à noite, teve uma peculiaridade: dividiu-se em três momentos.

Este primeiro momento foi marcado pela exibição de grupos de “axé” e de “funk”. As dançarinas trajavam shorts curtos colados ao corpo e mini blusas e apresentaram coreografias marcadas por movimentos eróticos. Assim, esta primeira parte do *showmício* pode ser, do ponto de vista pentecostal, interpretado como “mundana” ou mesmo “profana”, aberta à atuação do diabo. Todos os candidatos evangélicos estiveram ausentes desta fase do ritual, que teve as

¹³ O nome desta coligação é parcialmente fictício para evitar identificar a cidade. Ela foi formada pelo PSC (Partido Social Cristão) – PMDB (Partido do Movimento Democrático Brasileiro) – PP (Partido Progressista) – PMN (Partido da Mobilização Nacional) e PAN (Partido dos Aposentados da Nação).

¹⁴ Segundo Scottto (1996), “*estes panfletos menores, quando trazem uma foto do candidato, são chamados ‘santinhos’, em razão de sua semelhança com a estampa de santos*” da tradição católica. (p.179)

¹⁵ Esta coligação não tem nome fictício. Ela era composta pelo PDT (Partido Democrático Trabalhista) – PTB (Partido Trabalhista Brasileiro) – PTC (Partido Trabalhista Cristão) e PC do B (Partido Comunista do Brasil).

¹⁶ Denomina-se de *Trio elétrico* a um caminhão equipado com aparelhagem sonora, no qual instala-se uma espécie de palco onde artistas se apresentam. Usado especialmente durante o carnaval da Bahia, e esta instalação passou a ser usada por diversos movimentos sociais e também durante as campanhas eleitorais, ora circulando pelas ruas, ora servindo de palanque para a realização de comícios.

características apontadas por Yrles Barreira (1998a) para quem, durante o "tempo da política", *“estar ‘próximo’ ao povo constitui [...] uma das estratégias mais utilizadas em campanha pública”* e os *“showmícios parecem ser [...] um dos principais canais de comunicação entre representantes e representados”* (p. 211).

O segundo momento do *showmício*, foi marcado pelo *ethos* pentecostal, graças ao discurso de Vilma Antunes, que não sendo candidata, tinha como capital o fato de ser evangélica e de ostentar o “renome” (o sobrenome do marido). Ela fez uma performance de transição que, sem dúvida, preparou o terreno para a terceira etapa do evento: a entrada em cena dos candidatos evangélicos. Com efeito, Vilma Antunes colocou à mostra a situação de “liminaridade” e o estado de “perigo” (DOUGLAS, 1976:119-120) em que se encontravam, até aquele momento do *showmício*, os candidatos pentecostais. Ora, o “perigo” viria a ser controlado quando ela subiu solenemente no palanque, acompanhada apenas por sua mãe e seus dois filhos. Seu marido, o candidato a prefeito, não se juntou à família e também não havia nenhum candidato a vereador neste espaço. Ela apressou-se, então, a apresentar a mãe e os filhos como membros da igreja, louvando-os por “sua fê” e “sua força evangélica” para estarem “naquele palco”. Vilma Antunes respondia, desse modo, aos “ataque caluniosos” feitos a Gedeon Antunes e, portanto, à “sua família” pelos “inimigos políticos”. Ela colocou, ainda, em evidência, a homologia entre a família consangüínea, religiosa e política, alimentada pelo *ethos* pentecostal, procurando desqualificar os efeitos negativos dos discursos “difamatórios” de que sua família estava sendo vítima.

Em última análise, com este tipo de intervenção, ela procurou valorizar a reputação (BAILEY, 1971) positiva de seu marido e, conseqüentemente, dos candidatos evangélicos que evitaram participar da primeira parte do *showmício*. A importância da “*unidade da sua família*”, foi reforçada pelo discurso religioso sobre o voto: “*Deus escolheu o homem certo para governar esta cidade, mas, a escolha também é de vocês, eleitores!*” Sem referir-se à religião do marido, Vilma Antunes concluiu seu discurso através de bênçãos e louvores fervorosos.

Vale notar que o uso da expressão “*família Gedeon*” aponta tanto para a metáfora da “família política” (na medida em que não apenas o candidato, mas toda a família colocou-se publicamente na dependência do voto), quanto para reforçar a própria idéia da “*família Gedeon*” como sendo exemplar da “*grande família da cidade*”. Por outro lado, a “*família Gedeon*”

assume aqui, apenas parcialmente, a dimensão metafórica da “família de irmãos em Cristo” (FERREIRA, 2005), pelo fato de que Gedeon Antunes não ser declaradamente convertido.¹⁷

Nestes termos, a “*família Gedeon*” estava atravessando algumas fronteiras ao se submeter ao crivo de uma forma específica de controle público sobre a reputação do candidato a prefeito e de sua família.

Nesse sentido, embora tratando de outro contexto, considero pertinente, para a análise da questão do controle público, as palavras de John Comerford (2003):

“A questão imediata que se coloca àqueles que atravessam a fronteira do espaço físico, social e moral definido pelo exercício desse controle público é relativa ao parentesco ou a alguma forma de relação de familiaridade. Observar os outros faz sentido, ou seja, torna-se um ato de controle público ao gerar a possibilidade de fazer narrativas em termos de famílias e suas relações.” (p.329)

O *showmício* foi de fato um ritual de controle público que garantiu a passagem do plano do espetáculo “*mundano*” (ou impuro), para um plano menos “*perigoso*” – o da política pentecostalizada –, através do apelo às relações de parentesco. Esta transição facilitou a proximidade dos candidatos evangélicos “com o povo” pois, logo após a “despoluição ritual” (DOUGLAS, 1976) propiciado pelo discurso de Vilma Antunes, estes candidatos (alguns acompanhados por seus familiares), começaram a circular entre os eleitores, procurando fazer-se “(re)conhecer”, identificando-se como “irmãos” (evangélicos), através da distribuição do material de propaganda e entabulando conversas sobre os *compromissos* que iriam assumir, se eleitos vereadores.

Um ritual de unidade para a purificação da cidade

Passadas as eleições de 2004, a presença dos evangélicos no universo político da cidade tornou-se ainda mais explícita, principalmente pela nomeação de muitos deles para cargos de “confiança” na Prefeitura. Nos primeiros meses do novo governo, foi organizado o “Café de

¹⁷ Para a análise da idéia da “igreja como uma família”, baseada nas novas sociabilidades fundadas nas dinâmicas de conversão, ver Salomé L. Ferreira (2005).

Confraternização dos Pastores da cidade”, que contou com o “apoio” do novo prefeito Gedeon Antunes. Além dos membros da hierarquia eclesial das diversas congregações, estavam presentes o próprio prefeito e sua esposa, Vilma Antunes, além de funcionários de algumas secretarias do governo municipal.

O Salmo 133 –“*Bem-vindos ao Café da Unidade dos Pastores da cidade . Oh! Quão bom e quão suave é que vivamos em união!*” – inscrito na faixa de boas vindas, imprimiu ao ritual uma dinâmica que colocava em jogo a possibilidade de construção de uma aliança entre igrejas pentecostais num campo religioso onde a disputa por fiéis é intensa. A unidade das igrejas pentecostais foi introduzida no “mercado de bens de salvação” (BOURDIEU, 2001) por meio de uma leitura da bíblia voltada para o campo político:

“A excelência da união fraternal. Este salmo é uma expressão de santo gozo ocasionado pela reunião de Israel como uma só família nas grandes festas anuais. [...] Esta harmonia fraternal pode ser realizada na família, na nação, na igreja e no mundo, uma vez que as condições essenciais sejam observadas. Para irmãos poderem habitar juntos harmoniosamente é preciso haver: 1. Altruísmo e consideração um pelos outros 2. Tolerância das convicções ou escrúpulos dos outros. 3. Simpatia para com as aspirações e interesses dos outros. 4. Acordo em querer promover os interesses da família. 5. Laço de parentesco natural ou espiritual. 6. Amor comum aos pais, ou, no caso da irmandade cristã o mesmo amor e obediência a Deus. 7. Amor fraternal, por todos pertencerem à mesma família”. (A Bíblia Explicada. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembléias de Deus/CPAD, 1985, 4ª Ed., p. 207. (Grifos nossos)

O tema da unidade foi objeto da pregação do pastor da Igreja Batista Peniel que dirigia a cerimônia:

“A unidade é o preço, vamos estar juntos pelo mesmo propósito, a igreja está aí para ajudar o governo. Na posse do prefeito ele entregou uma chave simbolizando a chave da cidade, ele entregou para Jesus. O governo precisa retomar de uma forma sobrenatural o que é a igreja. Eu louvo a Deus, que esse tempo vai se apresentar aqui, então nós precisamos de oração. É um projeto lindo que é um dia de jejum pela cidade, que Deus colocou no coração do homem. Eu estou aqui para obedecer a Deus; de qualquer maneira, todos juntos; se não houver unidade não vamos

conquistar. Nós não temos essa utopia de que cem por cento será crente, mas, todo aquele que crer será salvo. Vai haver uma mudança em sua vida, vai haver uma mudança no governo, vai haver uma mudança política, porque Deus vai ter o domínio. Deus vai estabelecer se ficarmos juntos. É um projeto de Deus, e eu já estou nesse projeto. Gloria! Amém!” (Grifos nossos)

Neste ponto, todos os pastores, atendendo ao dirigente do culto, levantaram as mãos e oraram pela cidade. Observamos, então, que uma mulher, muito emocionada, também levantou as mãos orando vigorosamente! Depois de encerrada esta oração ela nos disse que era Pastora¹⁸ e que tinha sido candidata à vereança nas eleições de 2004.¹⁹

Concluído o ritual de Confraternização, passamos a conversar informalmente com a Pastora e com a esposa de um dos pastores presentes. Pouco depois, uma mulher dirigiu-se à Pastora, segurando um ramalhete de rosas e indagou de quem ela era esposa. Respondendo em tom enfático, a esposa do pastor logo se adiantou: “*Ela não é mulher de pastor, ela é Pastora!*“. Seguiu-se um silêncio constrangedor. A recepcionista demonstrou não saber como agir. Afastou-se e retornou logo depois. Num tom de voz agastado, entregou a rosa à Pastora, exclamando: “*a senhora também merece!*“. Esta performance evidenciou a dificuldade de classificação de um membro da hierarquia eclesial pentecostal rotineiramente androcêntrica (FREESTON, 1994).

A nosso ver, esta performance aponta para o fato de que a identidade é “uma existência puramente teórica” (LÉVI-STRAUSS, Apud CORRÊA, 2003:25), ou seja, os limites feminino/masculino são “elusivos” e por isso, a mulher é uma identidade “tão ilusória como qualquer outra.” (CORRÊA, 2003:27). Essa argumentação de Mariza Corrêa se fortalece por meio da análise de um ser que não possui “fronteiras rígidas” e que, por isso, desconstrói os limites estabelecidos pela noção de dismorfismo sexual. Trata-se do “andrógino”. O caráter poluidor desta figura remonta às noções de poluição e de perigo tal como discutidas pelo estudo

¹⁸ A Pastora Vera é presidente das igrejas Ministério em Tempo de Graça, na cidade. Esta denominação evangélica possui também congregações no município do Rio de Janeiro, em Itaguaí, em Angra dos Reis, em Macaé e em outros países: Itália e Espanha. Segundo a Pastora, “*todas as congregações da cidade são dirigidas por mim, mas eu tenho os pastores que ministram nestas igrejas, mas quem coordena sou eu. Inclusive a congregação na Itália, quem ministra é uma mulher, que era membro aqui e eu coloquei ela lá, como Pastora.*”

¹⁹ Como já mencionamos, na introdução deste texto, Pastora Vera foi candidata a vereadora pela coligação “Aliança Popular” composta pelo PSL (Partido Social Liberal) – PL (Partido Liberal) e PRP (Partido Republicano Progressista), de cuja convenção também participamos. Ela obteve 182 votos e não foi eleita. Algum tempo após a realização do ritual de “Confraternização dos Pastores”, ela comentaria, durante uma conversa informal sobre a sua candidatura “*Sempre gostei da política, trabalhei para alguns candidatos em outras eleições e só me candidatei [em 2004], a pedido dos membros da minha igreja.*”

clássico de Mary Douglas, *Pureza e Perigo* (1976). O “andrógino”, simboliza a desordem do padrão por seu estado indefinível (DOUGLAS, 1976:117) e mostra “[tanto] o perigo inerente a separações simbólicas do que deveria estar unido”, quanto “uniões simbólicas do que deveria estar separado” (DOUGLAS Apud CORRÊA, 2003:29). A descrição do ritual de “Confraternização dos Pastores”, apontou, a nosso ver, para o caráter poluidor da presença da Pastora Vera. Afinal, segundo ela mesma, poucas igrejas pentecostais “*consagram a mulher como dirigente de uma congregação*”.

Desse modo, o ritual, sendo marcado pela idéia de “unidade” das igrejas evangélicas para fins de politização pentecostal da vida pública, tanto agregou todas as suas partes em um todo, de modo rotinizado, isto é, por meio de leituras bíblicas e das performances rituais usuais como, por exemplo, todos orarem de costas para o púlpito; os pastores se revezarem na condução do culto, ajoelhando-se e, com a cabeça encostada no chão, orarem em voz muito alta e emocionada, quanto nos permitiu explorar uma variável ideológica extra-ordinária. (PEIRANO, 2001): o “re-conhecimento” de uma Pastora.

De qualquer modo, será preciso verificar, durante os desdobramentos da pesquisa, que redes de relações estão em construção, tanto na política como na religião e qual o lugar ou lugares que a Pastora ocupa nesta rede. Conseqüentemente, torna-se importante apreender que tipo de identidades, tanto no sentido das fronteiras “rigidamente determinadas”, quanto no sentido do “perigo” da “quebra das definições” (DOUGLAS, M. Apud CORREA, 2003:29) é atribuída à Pastora pela comunidade evangélica, por ela própria e, até mesmo por seus correligionários do mundo da política.

A polissemia da categoria compromisso

Finalmente, vale discutir, ainda que brevemente, como as relações de gênero agudizam a tensão provocada pela polissemia da categoria *compromisso* (envolvendo relações simétricas e assimétricas de favor, proteção, honra, ajuda, dependência pessoal, reputação e principalmente “renome”). Como foi possível perceber, conflitos, disputas por posições de poder e as possibilidades de sua regulação e controle público passam pela co-operação, no sentido adotado por Max Gluckman (1968). A narrativa etnográfica de algumas experiências da militância política pentecostal voltada para o repertório do imaginário das relações de gênero, foi o

território a partir do qual procuramos detectar algumas conexões entre o papel desempenhado por certas mulheres pentecostais nas redes construídas – mas não cristalizadas – em termos de parentesco, amizade, vizinhança e de reputação, visando o reforço da presença pentecostal nos espaços de representação política. Elas se cruzam em múltiplas instituições e, uma vez encerrado o "tempo da política" de 2004, as contendas agonísticas internas ao universo da militância pentecostal, do ponto de vista da participação das mulheres pentecostais, têm uma dimensão pública menos visível.

As atuações de algumas destas mulheres, orientadas por dinâmicas complexas de relações pessoais não são produtos mecânicos de um *ethos* pentecostal, mas estão espreiadas em diferentes níveis pelo conjunto das relações sociais. No entanto, a militância pentecostal continua a catalisar o nosso olhar interessado em compreender porque os ideais de modernidade, de cidadania e de laicização do Estado parecem ausentes do domínio da militância política pentecostal. Suspeitamos, no entanto que, a despeito da estrita “disciplina institucional” e da ênfase no “conformismo” sugeridos pelo *ethos* pentecostal, haja espaço, como sugere Manuel Vasquez, para o emprego de “uma linguagem de igualdade e de serviço à comunidade como um meio de lutar contra abusos de poder”. (VASQUEZ, s/d:629). Aqui o papel do imaginário das relações de gênero merece ser repensado e observado a partir de outros lugares e de outros contextos históricos.

BIBLIOGRAFIA

- A Bíblia Explicada*. 1985 Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembléias de Deus/CPAD,. 4ª Ed.
- BAILEY, F. G. 1971. *Gifts and poison. The politics of reputation*. Oxford: Brasil Blackwell.
- BARREIRA, Irllys. 1998a. *Chuva de Papéis. Ritos e Símbolos de Campanhas Eleitorais no Brasil*. Rio de Janeiro: Relume Dumará.
- BARRETO, Alessandra S. 2004. “Um olhar sobre a Baixada: usos e representações sobre o poder local e seus atores. *Campos* 5(2):45-64.
- BEZERRA, M. O. 1999. *Em Nome das Bases*. Rio de Janeiro: Relume Dumará.
- BIRMAN, P. 1996 “Cultos de possessão e pentecostalismo no Brasil: passagens”. *Religião e Sociedade* 17(1-2):90-109.
- _____. 2001. “Conexões políticas e bricolagens religiosas: questões sobre o pentecostalismo a partir de alguns contrapontos.” In: SANCHIS, P. (org.) *Fiéis & Cidadãos. Percursos de Sincretismo no Brasil*. Rio de Janeiro. EDUERJ, pp. 59-86.
- BOURDIEU, Pierre. 1989 *O poder simbólico*. Lisboa: Difel.
- _____. 2001 Gênese e estrutura do campo religioso. In: BOURDIEU, P. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, pp. 27-78.
- CARNEIRO, Leandro Piquet. 1998. “Cultura cívica e participação política entre evangélicos.” In: FERNANDES, Rubem Cesar (org.) *Novo Nascimento: Os Evangélicos em Casa, na Igreja e na Política*. Rio de Janeiro: Mauad.
- CHAVES, Christine de A. 1996. “Eleições em Buritis: a pessoa política”. In: PALMEIRA, M. e GOLDMAN, M. (Orgs.) *Antropologia, Voto e Representação Política*. Rio de Janeiro: Contra Capa, pp.128-163.
- CONRADO, Flávio Cesar dos Santos. 2000. *Cidadãos do Reino de Deus. Representações, Práticas e Estratégias Eleitorais* (Um Estudo da “Folha Universal” nas Eleições de 1998). Tese de Mestrado, Universidade Federal do Rio de Janeiro. (Mimeo).
- CORRÊA, Mariza. 2003. *Antropólogas e Antropologia*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 278p.
- DAMASCENO, Caetana. 1990. *Cantando pra subir: orixá no altar, santo no peji*. Tese de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social – Museu Nacional UFRJ, (mimeo)

- _____. 2004. “Do Dom ao Voto: Ethos Religioso e Representação Política em um município da Baixada Fluminense/RJ”. (Mimeo)
- _____. 2004. *Do Dom ao Voto: Ethos Religioso e Representação Política e Poder Municipal*. Caxambu: ANPOCS (Meio digital).
- DARNTON, Robert. 2006 *O grande massacre de gatos*. São Paulo, Graal.
- DOUGLAS, Mary. 1976. *Pureza e perigo*. São Paulo: Perspectiva.
- FERNANDES, Rubem Cesar (org). 1977. “O Debate entre sociólogos a propósito dos pentecostais.” *Cadernos do ISER*.(6):49-60.
- _____. 1998. *Novo Nascimento: Os Evangélicos em Casa, na Igreja e na Política*. Rio de Janeiro: Maud.
- FERREIRA, Salomé. L. 2005. *Lideranças religiosas e lideranças políticas em um assentamento rural*. Rio de Janeiro, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro/CPDA. Tese de Mestrado (Mimeo)
- FRESTON, Paul. 1992 “Evangélicos na Política Brasileira”. *Religião e Sociedade*. Rio de Janeiro: ISER, v.16 (1/2):26-44.
- _____. 1993. *Protestantes e Política no Brasil: da Constituinte ao Impeachment*. Tese de Doutorado, Universidade Estadual de Campinas. (Mimeo)
- _____. 1994. “Uma breve história do Pentecostalismo Brasileiro: a Assembléia de Deus”. *Religião e Sociedade*. Rio de Janeiro: ISER, v.16 (3):104 - 129.
- GEERTZ, C. 1978 *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 323p.
- GLUCKMAN, Max. 1968. *Analysis of a Social Situation in Modern Zululand*. Institute for Social Research University of Zambia/Manchester University Press (1ª ed. 1958, Rhodes Livingstone Institute, Northern Rhodesia).
- HEREDIA, Beatriz A. 1996 “Política, Família e Comunidade” In: GOLDMAN, M. & PALMEIRA, Moacyr. *Antropologia, Voto e Representação Política*. Rio de Janeiro: Contra Capa. pp.57-71.
- IRELAND, Rowan. 1993 “The ‘crentes’ of Campo Alegre and the religiopus construction of Brazilian politics.” In: GARRARD-BURNETT, V. & STOLL, D. (Orgs.) *Rethinking Protestantism in Latin America*. Philadelphia: Temple University Press,.
- MACHADO, Maria das Dores Campos. 2002 “Religião e Política: as evangélicas nas disputas eleitorais do Rio de Janeiro.” *Religião e Ciências Sociais*. v.4, p. 125-148

- _____. 2003. “Existe um Estilo Evangélico de Fazer Política?”. In: BIRMAN, Patricia (org.). *Religião e Espaço Público*. São Paulo: Attar,. p. 283-205.
- MIRANDA, Júlia. 1999 *Carisma, Sociedade e Política: Novas Linguagens do Religioso e do Político*. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Núcleo de Antropologia Política.
- MONTEIRO, Claudia Regina T. 1999. *As representações da pobreza e práticas de assistência entre pentecostais: o caso da Assembléia de Deus*. Rio de Janeiro: PUC. Dissertação de Mestrado (Mimeo).
- PALMEIRA, M., HEREDIA, B. 1997. “Política Ambígua”. In: BIRMAN, P., NOVAES, R. e CRESPO S. (org.) *O Mal à Brasileira*. Rio de Janeiro: Contra Capa, p. 159-183.
- PALMEIRA, M. 1996 “Política, Facções e Voto” In: GOLDMAN, M. & PALMEIRA, M. *Antropologia, Voto e Representação Política*. Rio de Janeiro: Contra Capa. p. 41-56.
- PEIRANO, M. 2001 A análise antropológica dos rituais. In: PEIRANO, M (org.) *O Dito e o Feito. Ensaios de Antropologia os Rituais*. Rio de Janeiro: Relume Dumará. pp. 17-40.
- _____. 2003. *Rituais ontem e hoje*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- SCOTTO, G. 1996. “Campanha de rua, Candidatos e Biografias” In PALMEIRA, M. e GOLDMAN, M. (orgs.). *Antropologia, Voto e Representação Política*. Rio de Janeiro: Contra Capa. Pp.165-181.
- THOMPSON, Edward P. 1972. “Anthropology and the discipline of historical context” In *Midland History* 1, nº 3, pp.41-55.
- VASQUEZ, Manuel A. s/d. “Pentecostalism, collective identity, and transnationalism among Slvadorans in the US.” *Journal of the American Academy of Religion*. 67/3, pp.671-636.
- VILLELA, Jorge Mattar e MARQUES, Ana Claudia D. R. 2002. “Sobre a circulação de recursos nas eleições municipais no sertão de Pernambuco.” In: HEREDIA, Beatriz, TEIXEIRA, Carla e BARREIRA, Irllys (Orgs.) *Como se Fazem Eleições no Brasil*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, pp. 63-101.